

ANÁLISE DE CONTEÚDO: UMA PERSPECTIVA METODOLÓGICA QUALITATIVA NO ÂMBITO DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Brunna Alves da Silva¹
Guilherme Saramago de Oliveira²
Ana Paula Gonçalves Brito³

[...] Análise de Conteúdo é uma dentre as diferentes formas de interpretar o conteúdo de um texto que se desenvolveu, adotando normas sistemáticas de extrair os significados temáticos ou os significantes lexicais, por meio dos elementos mais simples de um texto. [...] um tipo de análise da comunicação que pretende garantir a imparcialidade objetiva, socorrendo-se da quantificação das unidades do texto claramente definidas, para gerar resultados quantificáveis ou estabelecer a frequência estatística das unidades de significado (CHIZZOTTI, 2010, p. 114).

Resumo:

O presente artigo apresenta e analisa os principais saberes relacionados à Análise de Conteúdo como uma possibilidade metodológica de natureza qualitativa e sua importância no desenvolvimento da produção acadêmica e científica no âmbito da Educação.

Palavras-chave:

Análise de Conteúdo. Pesquisa Qualitativa. Metodologia de Pesquisa.

Abstract:

This paper presents and analyzes the main knowledge related to Content Analysis as a methodological possibility of a qualitative nature and its importance in the development of academic and scientific production within the scope of Education.

Keywords:

Content analysis. Qualitative research. Research Methodology.

1. Ideias iniciais

Ao referirmo-nos a pesquisa científica, é importante nos atentarmos ao leque de variedades e possibilidades que o estudo em questão poderá seguir. Há duas formas gerais em que podemos subdividir o caráter objetivo e estrutural de realizarmos a pesquisa, são estas a pesquisa qualitativa, na qual os dados a serem trabalhados são

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

² Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

considerados mediados, buscando um aprofundamento, bem como o conhecimento quanto ao objeto de estudo; e a pesquisa quantitativa, na qual os dados são imediatos, demandando quantificação e mensuração a partir do objeto.

Em seus estudos, Dicker (2009) apresenta um quadro que expressa de forma sintética as principais características que distinguem a pesquisa qualitativa da pesquisa quantitativa.

Quadro 1 - Pesquisa Qualitativa e Pesquisa Quantitativa.

Dimensão	Qualitativa	Quantitativa
Objetivo	Compreender razões, valores, motivações e fenômenos	Determinar causas. Quantificar dados e generalizar resultados
Abordagem	Observacional	Experimental
Pressuposição básica	Realidade construída a partir de fenômenos socialmente construídos	Realidade construída a partir de fatos mensuráveis
Pesquisador	Participante do fenômeno	Neutro, imparcial
Amostra	Pequena, poucos casos	Grande
Coleta de Dados	Não-estruturada	Estruturada
Análise de Dados	Análise não-estatística, subjetiva, interpretativa	Análise estatística, sumarização
Resultados	Compreensão inicial, baixa generalização e replicação	Determinantes, com alto grau de generalização e replicação

Fonte: Dicker (2009, p. 47).

Para a efetivação de uma pesquisa científica qualitativa, é importante que o pesquisador domine seu objeto de estudo, conheça os vínculos desse objeto, identifique o contexto, os sujeitos envolvidos, e principalmente tenha clareza do objetivo pretendido e opte por uma metodologia apropriada para que fenômeno em investigação seja plenamente compreendido.

A seleção do instrumental metodológico, para Marconi e Lakatos (2010) está

[...] diretamente relacionada com o problema a ser estudado; a escolha dependerá de vários fatores relacionados com a pesquisa, ou seja, a natureza dos fenômenos, o objeto da pesquisa, os recursos financeiros, a equipe humana e outros elementos que possam surgir no campo da investigação. Tanto métodos quanto técnicas devem adequar-se ao problema a ser estudado, às hipóteses levantadas e que se queira confirmar, ao tipo de informantes com que se vai entrar em contato (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 147).

Conforme os estudos desenvolvidos por Knechtel (2014), a pesquisa qualitativa pode ser entendida como uma categoria de pesquisa que visa operar sobre uma problemática de cunho humano ou social. Sua base implica em testar uma teoria, que é composta e está associada a variáveis quantificáveis. O objetivo reside na promoção de análises quantitativas, estatísticas, a fim de checar a sustentação de generalizações decorrentes do fenômeno em estudo.

No entendimento de Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa quantitativa requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas, uma vez que busca traduzir em números as opiniões e informações obtidas e assim estabelecer um processo de classificação e análise. Para os autores, ela é utilizada em vários outros tipos de pesquisa,

[...] inclusive nas descritivas, principalmente quando buscam a relação causa-efeito entre os fenômenos e também pela facilidade de poder descrever a complexidade de determinada hipótese ou de um problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou das atitudes dos indivíduos (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

A pesquisa quantitativa, desse modo, está necessariamente ligada com a quantificação dos dados, ou seja, na experimentação e mensuração, portando assim rigorosamente o controle dos fatos, diferente da pesquisa qualitativa. Dessa maneira, ao final do estudo, é de fato possível realizar a comprovação e validação de uma determinada teoria. Quando se trata de precisão de resultados, a pesquisa quantitativa é mais indicada, evitando assim possíveis distorções no momento de análise.

Assim, a busca por resultados exatos, no caso da pesquisa quantitativa, é possível através de variáveis preestabelecidas, verifica-se e explica-se sua influência sobre as mesmas, utilizando-se de análise de frequência de incidências, bem como através de ferramentas estatísticas (MICHEL, 2005). Ainda de acordo com o mesmo autor, entende-se que a comprovação dos resultados da pesquisa se dá por meio da comprovação quanto ao número de vezes em que o fenômeno ocorre ou com que exatidão.

A pesquisa qualitativa para Denzin e Lincoln (2006) é compreendida por meio de uma reunião de práticas que resultam em uma representação interpretativa de

mundo, propiciada pela junção de significados, os quais fornecem ao pesquisador subsídios para a identificação de fenômenos. A pesquisa qualitativa, para os autores,

[...] é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

De acordo com as ideias de Minayo (2003), a pesquisa qualitativa reúne pontos presentes em um viés de significados; busca-se compreender a significação das motivações, interesses, valores, crenças e comportamentos, os quais configuram para além de uma simples investigação, uma relação de profundidade. O que segundo a autora, não poderia se formatar ao reducionismo da mecanização de variáveis.

Ao tratar sobre as características referentes à pesquisa qualitativa, Creswel (2007) ressalta a interação do pesquisador com o ambiente natural e as posições que estes ocupam no estudo. Enquanto o ambiente é colocado como a fonte direta proveniente dos dados, o investigador torna-se o principal instrumento. Desse modo, há uma maior preocupação com o processo, visto que a análise de dados segue uma linha indutiva, ou seja, a pesquisa qualitativa descarta um modelo engessado, configurando-se de modo emergente.

Prodanov e Freitas (2013) entendem que as pesquisas desenvolvidas numa abordagem qualitativa, diferentemente daquelas que priorizam uma abordagem quantitativa, não têm os

[...] dados estatísticos como o centro do processo de análise de um problema, não tendo, portanto, a prioridade de numerar ou medir unidades. Os dados coletados nessas pesquisas são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto. Na análise dos dados coletados, não há preocupação em comprovar hipóteses previamente estabelecidas, porém estas não eliminam a existência de um quadro teórico que direcione a coleta, a análise e a interpretação dos dados (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Assim, a pesquisa qualitativa preocupa-se em alcançar a compreensão minuciosa dos significados, bem como das características presentes no objeto de
Cadernos da Fucamp, v.20, n.44, p.52-66/2021

estudo, o que propicia a imersão na complexidade do fenômeno então investigado. Por isso, compreende-se a importância desprendida no processo, o qual diferentemente do produto, traz ao pesquisador detalhes extremamente úteis para o desenvolver da pesquisa. Para Paulilo (1999), a pesquisa qualitativa

[...] trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna (PAULILO, 1999, p. 135).

O objetivo fundamental da pesquisa qualitativa, para Richardson (1999, p. 102),

[...] não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno (RICHARDSON, 1999, p. 102).

Pode-se concluir assim, que a validação do estudo qualitativo não se dá por amostragem, como ocorre na pesquisa quantitativa, mas sim pela profundidade em que se deu a realização da pesquisa.

Segundo Godoy (1995a), o desenvolvimento da pesquisa qualitativa não se prende fixamente na mensuração dos eventos, muito menos preocupa-se necessariamente com o produto de fato, mas sim com o desenvolvimento da investigação, a captação de focos que possuem o poder de transformar um caminho até então único, em possibilidades. A reunião dos detalhes permite o avanço na compreensão e diagnóstico da problemática. A pesquisa qualitativa

[...] não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo a medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995a, p. 58).

Ao nos referirmos ao campo de pesquisa social, a pesquisa qualitativa apresenta um teor diferente do proposto pelas pesquisas quantitativas. Neste caso, busca-se a compreensão, a interpretação, bem como a explicação de um conjunto de fatores resultante de interações de indivíduos, o qual chamamos de fenômeno social.

De acordo com Martins e Theophilo (2007), existem pontos distintos quando se trata da pesquisa qualitativa em relação à pesquisa quantitativa. Estes podem funcionar como fatores decisivos no momento de avaliar o fenômeno em questão, favorecendo assim a identificação quanto a qual metodologia de pesquisa será melhor aplicada em relação aos seus pontos de partida e objetivos.

Para esses mesmos autores, enquanto a pesquisa qualitativa preocupa-se em compreender e realizar a descrição de comportamentos humanos, a pesquisa quantitativa visa procurar os fatos e descobrir a causa do fenômeno social. Na mesma linha, se na pesquisa qualitativa a observação é de cunho natural e a coleta de dados não segue exatamente a formalidade, a pesquisa quantitativa segue formalidades, estruturação fechada e medições controladas em relação à coleta de dados.

A pesquisa qualitativa segue um viés subjetivo, segue-se a perspectiva interior do próprio pesquisador; já a pesquisa quantitativa apresenta um viés completamente objetivo e externo, em que há o distanciamento dos dados. Na pesquisa qualitativa a orientação se dá para a descoberta, um caráter exploratório, indutivo, diferente da pesquisa quantitativa, na qual o cunho é superficial, orientado mais precisamente para a verificação.

Enquanto a pesquisa qualitativa orienta-se para o processo, a pesquisa quantitativa orienta-se para o resultado, sendo que na qualitativa percebe-se uma visão holística, a qual visa a síntese; já na pesquisa quantitativa, o olhar é particularizado, visando a análise, considerando sempre dados numéricos decorrentes de ferramentas estatísticas.

2. Análise de Conteúdo: conceitos e procedimentos

A Análise de Conteúdo, segundo Bardin (1977), compreende um conjunto elaborado de técnicas, que fornecem subsídios para que o pesquisador consiga promover a reunião de conteúdos informativos, e através destes, desenvolver sua descrição, bem como a compreensão de fenômenos, por meio de inferências. A Análise de Conteúdo para a autora é

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 47).

Godoy (1995b) coloca que a Análise de Conteúdo, de acordo com a perspectiva de Bardin, confere uma técnica metodológica, a qual pode ter sua aplicação em diferentes formas de comunicação, independentemente da proposta de discurso, bem como do meio comunicante. O trabalho do analista adquire um caráter duplo e, no primeiro momento, deve-se captar a ideia da comunicação para, só posteriormente, se atentar também a possíveis outras significações, não se restringindo ou limitando-se às primeiras impressões.

A Análise de Conteúdo, de acordo com Moraes (1994),

[...] constitui-se de um conjunto de técnicas e instrumentos empregados na fase de análise e interpretação de dados de uma pesquisa, aplicando-se, de modo especial, ao exame de documentos escritos, discursos, dados de comunicação e semelhantes, com a finalidade de uma leitura crítica e aprofundada levando à descrição e interpretação destes materiais, assim como a inferências sobre suas condições de produção e recepção (MORAES, 1994, p. 103).

Buscar por um conteúdo implícito é uma das propostas recorrentes quando se trata da Análise de Conteúdo, o pesquisador necessita ir para além do que o texto coloca, compreendendo e analisando não só as informações dispostas ali, mas também os possíveis sentidos que estes figuram em um segundo plano. Tal ideia de conteúdo explícito é melhor elucidada por Triviños (1987) que assevera:

[...] não é possível que o pesquisador detenha sua atenção exclusivamente no conteúdo manifesto dos documentos. Ele deve aprofundar sua análise, tratando de desvendar o conteúdo latente que eles possuem. [...] os investigadores que só ficam no conteúdo manifesto dos documentos seguramente pertencem à linha positivista (TRIVIÑOS, 1987, p. 162).

Moraes (1999) argumenta que o texto pode ser considerado como uma forma de comunicação, no qual o pesquisador precisa compreender e realizar o direcionamento de seus objetivos, os quais se voltam a vertentes do *como* (forma como a comunicação se processa); *qual finalidade* (referente aos objetivos de determinada comunicação) e *com que resultados* (objetivos de tal comunicação em análise).

Ainda referente a esse mesmo autor, a Análise de Conteúdo; possibilita que o pesquisador realize uma imersão mais profunda com o intuito de promover uma análise perante os textos, ou como podemos chamar, comunicações de modo a realizar inúmeros sentidos presentes no material a ser analisado.

São duas as funções de destaque dentro da Análise de Conteúdo, uma delas está relacionada à verificação, ou seja, à condição de verificabilidade de hipóteses encontradas no instrumento de pesquisa utilizado, ou seja, é por meio da Análise de Conteúdo que se podem encontrar respostas para um determinado fenômeno em estudo, como também é possível confirmar ou não as hipóteses que foram previamente estabelecidas.

A outra função está inteiramente associada à descoberta, relaciona-se com o olhar mais apurado ao que está por trás da manifestação daquele conteúdo, buscando uma interpretação mais minuciosa e significativa para o fenômeno em questão. Ambas as funções podem se tornar complementares na prática e podem ter sua aplicabilidade associada aos interesses dos princípios tanto da pesquisa qualitativa, quanto da pesquisa quantitativa.

Figura 1 – Funções de destaque dentro da Análise de Conteúdo.



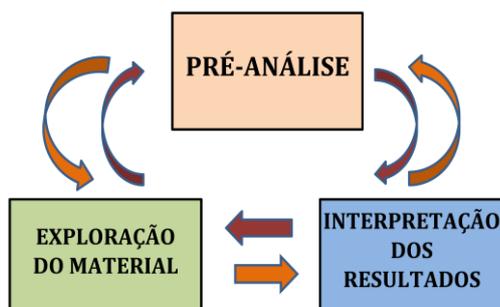
Fonte: Autoria própria.

Essa técnica pauta-se em procedimentos que promovem o contato com possíveis indicadores, os quais podem se configurar como qualitativos ou quantitativos, sendo assim possível a realização do processo de inferência de conhecimentos. Oliveira (2008) elucida que a Análise de Conteúdo concede:

O acesso a diversos conteúdos, explícitos ou não, presentes em um texto, sejam eles expressos na axiologia subjacente ao texto analisado; implicação do contexto político nos discursos; exploração da moralidade de dada época; análise das representações sociais sobre determinado objeto; inconsciente coletivo em determinado tema; repertório semântico ou sintático de determinado grupo social ou profissional; análise da comunicação cotidiana seja ela verbal ou escrita, entre outros (OLIVEIRA, 2008, p. 570).

Assim como toda metodologia, a Análise de Conteúdo possui seu desenvolvimento pautado em três fases fundamentais, que segundo Bardin (1977) são respectivamente: pré-análise; exploração do material, também chamada de descrição analítica; análise e interpretação dos resultados. Essas três fases conferem uma boa dinâmica à pesquisa, para que o analista não se perca de seus objetivos e possa executar sua análise de maneira harmônica e pontual.

Figura 2 – Fases da Análise de Conteúdo.



Fonte: Autoria própria.

A primeira fase, correspondente a pré-análise, relaciona-se com o momento de organização. Nessa fase o pesquisador (analista) deve refletir sobre os procedimentos a serem utilizados. É nesta etapa que o analista em seu primeiro contato com os documentos, realiza a avaliação destes para a escolha definitiva, formula as hipóteses e também os objetivos, além de desenvolver os indicadores para interpretação. Segundo Bardin (1977) é a leitura flutuante que possibilita a concretização da pré-análise. A leitura flutuante é, portanto, o primeiro contato do pesquisador com os documentos oriundos da coleta de dados. É o momento no qual se começa a ter o conhecimento dos textos, das informações obtidas nas entrevistas e outras fontes que serão analisadas.

A segunda fase compreende um momento de sondagem, denominado como etapa de exploração. Utiliza-se o procedimento de codificação, no qual o pesquisador irá estabelecer unidades de registro, a enumeração e organização destas, a escolha de categorias, classificação, promovendo assim a união de características comuns. É também nessa etapa que é feita a categorização, processo que consiste na ordenação das informações de acordo com a correlação das classes de eventos.

Após o processo de codificação dos dados, estabelece-se as categorias, as quais consistem em informações que vão ao encontro ao objetivo de estudo do pesquisador, buscando ilustrar aspectos que podem ser entendidos como pontos chave da investigação. Bardin (1977) coloca alguns aspectos que devem ser levados em consideração quanto a pertinência das categorias, iniciando pelo princípio da exclusão, em que cada elemento é único, podendo existir em apenas uma categoria.

É importante compreender que em Análise de Conteúdo sempre haverá categorização, porém deve-se haver uma superação quanto à questão da fragmentação. Para Moraes e Galiazzi (2013), categorizar é

[...] dar ênfase a uma parte como modo de melhorar a compreensão do todo. Cada categoria de análise passa a constituir uma perspectiva de exame, um direcionamento do olhar dentro do todo [...], um esforço em cada vez mais atingir uma compreensão global dos fenômenos examinados (MORAES; GALIAZZI, 2013, p. 155-156).

Esses autores destacam ainda que a análise sempre nos traz a proposta de divisão, necessitando focar os detalhes, partes. Porém destacam que, indo contrariamente a isso, é necessário um olhar para o todo, uma vez que “A categorização tem como primeiro objetivo [...] fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (BARDIN, 1977, p. 119). Deste modo, compreende-se que as categorias em conjunto, compõem o resultado da análise.

Outro ponto trata da questão da homogeneidade, situação em que é necessário que exista apenas uma dimensão para a análise, ou seja, se a definição de uma categoria apresenta diferentes níveis de análise, estes devem ser diluídos em diferentes categorias, e não serem reduzidos a uma única e exclusiva categoria de análise. A pertinência também faz parte das qualidades necessárias, propostas por Bardin. É preciso entrelaçamento entre intenções do pesquisador, objetivos da pesquisa e questões direcionadas e suas características de estudo.

Finalizando, a produtividade é outro aspecto importante na elaboração de uma categoria; para que se chegue à determinada produtividade, é necessário que os resultados advenham de uma certa riqueza em inferências, hipóteses, olhares mais apurados em detrimento de dados exatos. Um olhar atento e crítico é necessário ao analista para que seja possível colher interpretações férteis frente ao fenômeno analisado.

Retornando às etapas da Análise de Conteúdo propostas por Bardin, a terceira delas consiste no que entendemos por tratamento dos resultados. Através dos dados brutos obtidos, o analista deve agora, através da inferência e interpretação, torná-los produtos que apresentem significância e validade. Este é o momento para que o pesquisador capte as informações para além daquelas já postas, buscando sentido ao que não está óbvio.

O processo de inferência é formado pelo que chamamos de pólos de atração da comunicação, esse instrumento de indução norteia-se pela estreita relação entre alguns pontos, como roteiros de entrevistas, causas e efeitos, os quais resultam em indicadores capazes de favorecerem a investigação da causa, contribuindo assim para

a etapa de interpretação. A interpretação de dados necessita de que o pesquisador esteja extremamente atento em refazer o caminho referente aos marcos teóricos, promovendo uma relação que une os dados até agora obtidos com a fundamentação teórica. Essa junção impede que o analista fuja do real sentido do cunho da pesquisa.

Neste momento, há uma busca referente a todos os significados possíveis que estão por trás do discurso em questão, o que está sendo dito, qual profundidade é alcançada por essa colocação. Os detalhes aqui se tornam pontos preciosos para a imersão na construção da interpretação. Há formas variadas de conduzir essas três fases, dentro de uma Análise de Conteúdo; cada pesquisador optará pelo que melhor conduza a investigação. Podem haver variações quanto às unidades de análise, assim como ao modo de tratamento destas (BARDIN, 1977; GODOY, 1995b).

Em seus estudos, Souza Júnior, Melo e Santiago (2010) apresentam um roteiro didático para o desenvolvimento das fases básicas da Análise de Conteúdo, mas deixam claro que o pesquisador precisa compreender que essas fases não são estanques, são inter-relacionadas, possuem entrelaçamentos, possuem vínculos que exigem muitas vezes que o analista realize durante seus estudos retornos a uma ou outra fase.

Quadro 2 – Roteiro didático para Análise de Conteúdo.

ETAPAS	INTENÇÕES	AÇÕES
1ª etapa: pré-análise	*Retomada do objeto e objetivos da pesquisa; *Escolha inicial dos documentos; *Construção inicial de indicadores para a análise: definição de unidades de registro - palavras-chave ou frases; e de unidade de contexto - delimitação do contexto (se necessário);	*Leitura flutuante: primeiro contato com os textos, captando o conteúdo genericamente, sem maiores preocupações técnicas *Constituição do corpus: seguir normas de validade: 1- Exaustividade - dar conta do roteiro; 2- Representatividade - dar conta do universo pretendido; 3- Homogeneidade - coerência interna de temas, técnicas e interlocutores; 4- Pertinência - adequação ao objeto e objetivos do estudo.
2ª etapa: Exploração do material	*Referenciação dos índices e a elaboração de indicadores - recortes do texto e categorização; *Preparação e exploração do material - alinhamento;	*Desmembramento do texto em unidades/categorias - inventário (isolamento dos elementos); *Reagrupamento por categorias para análise posterior - classificação (organização das mensagens a partir dos elementos repartidos)
3ª etapa: Tratamento dos dados e interpretação	*Interpretações dos dados brutos (falantes); *Estabelecimento de quadros de resultados, pondo em relevo as informações fornecidas pelas análises;	*Inferências com uma abordagem variante/qualitativa, trabalhando com significações em lugar de inferências estatísticas.

Fonte: Souza Júnior; Melo; Santiago (2010, p. 35).

Ao longo dos anos, mais precisamente na metade do século XIX, as ciências humanas iniciaram a busca por adotar o modelo das ciências da natureza como proposta a ser seguida para o desenvolvimento de suas pesquisas. Almejando a validade, os pesquisadores da época sentiram a necessidade de aproximarem seus estudos a objetividade e experimentação, trazidas por um viés empirista.

Porém, logo foi possível enxergar as limitações desse modelo, ao pensar quanto ao objeto de estudo. Não seria viável nem mesmo possível descartar a complexidade do ser humano, bem como toda a sua transformação contínua. Era necessário um modelo que fosse capaz de acompanhar, aprofundar, compreender as tantas vertentes do ser humano. Reduzia-se então a necessidade de resultado, para além disso, buscava-se entender os processos em si.

Sendo assim, passa-se a utilizar abordagens de pesquisa que envolvem outros tipos de atributos, os quais levam significados às interpretações, que não se reduzem aos atributos de quantidade diretamente associados, como no caso das ciências da natureza. Ganha-se espaço para a utilização de procedimentos como entrevistas, questionários portando agora também questões abertas, sendo passíveis de serem analisadas, bem como interpretadas, dentre outras formas, que visam esse espaço para aprofundamento analítico.

Deste modo, a Análise de Conteúdo, por apresentar subsídios para a sistematização de propriedades qualitativas, permite uma boa associação do método com as questões educativas que precisam ser investigadas. Essa metodologia promove a busca por identificar a significação do texto advindo de um fenômeno social. Assim, a Análise de Conteúdo atua como um instrumento de auxílio ao pesquisador que deseja retirar do texto um conteúdo.

Segundo Bardin (1977), o analista que utiliza da Análise de Conteúdo, não pretende fazer uma leitura unilateral, que busque apenas uma resposta ou mesmo um resultado. Mas sim, a pretensão de promover uma análise aprofundada, por meio da qual é possível enxergar outras percepções para significados, explorando-se a natureza destes, podendo ir de um viés psicológico a histórico, não parando por aí. Para a autora,

[...] a tentativa do analista é dupla: compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e principalmente desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira. A leitura efetuada pelo analista, do conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura à letra, mas antes o realçar de um

sentido que se encontra em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros significados de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc. (BARDIN 1977, p. 41).

Deste modo, é possível compreender como a função do analista ao realizar a utilização da metodologia de Análise de Conteúdo, é extremamente importante e até mesmo complexa, visto que não está reduzida unicamente a resultados, mas sim, totalmente comprometida com o processo e seus possíveis desfechos, detalhes e contribuições acerca do fenômeno em estudo.

Sendo assim, é possível perceber o quanto a Análise de Conteúdo torna-se um instrumento metodológico importante nas pesquisas qualitativas de cunho social, bem como educacional. Não é um estilo de pesquisa que visa apenas concluir ou chegar-se a uma quantificação, mensuração. Mas sim, uma real imersão ao campo estudado, ao fenômeno analisado, através de passos capazes de levar o pesquisador a profundas interpretações.

3. Concluindo

Como pode-se perceber, a Análise de Conteúdo é uma metodologia bastante eficaz em pesquisas qualitativas, principalmente no âmbito educacional. Através dela, conseguimos perceber o quanto um estudo pode se tornar enriquecido quando é dado a devida atenção aos detalhes para além das informações já explícitas.

Desse modo, é possível desvendar fenômenos, dos quais, muitas vezes na área da educação soam ter apenas um aspecto escolar, mas se vistos por outra ótica, nos trazem várias outras significações do âmbito social, extraescolar, que pode muitas vezes ajudar o pesquisador a lidar com uma situação problema. Ou seja, como a Análise de Conteúdo permite e favorece tal aprofundamento, através do próprio fenômeno é possível se atentar a outros pontos que levem ao desencadeamento do mesmo.

É interessante também perceber o quanto a metodologia de Análise de Conteúdo pode favorecer a carreira educacional, visto que permite ao profissional da educação sair de um local muitas vezes cômodo e inserir-se em uma investigação capaz de movimentar estruturas em busca de um entendimento aprofundado, possibilitando a este educador um olhar investigativo, crítico e possivelmente resolutivo quanto a questões não somente escolares, mas também sociais.

Estima-se que este trabalho possa ser útil a pesquisadores da área da educação, bem como para aqueles que pretendam utilizar a Análise de Conteúdo como metodologia de sua pesquisa, ao perceberem o quanto a mesma pode ser abrangente e profunda de acordo com os interesses e objetivos do pesquisador.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 1977.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CRESWEL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

DICKER, L. **Percepção de valor em sistemas de informação orientados para o pequeno e médio varejo brasileiro**. 2009. 110 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdades de Ciências Empresariais, FUMEC, Belo Horizonte, MG, 2009.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, p. 57-63, 1995a.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.4, p. 65-71, 1995b.

KNECHTEL, M. R. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 1991.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo, SP: Atlas, 2007.

MICHEL, M. H. **Metodologia e Pesquisa Científica: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. São Paulo, SP: Atlas, 2005.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORAES, R. **Análise de Conteúdo**. Revista Educação. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2013.

MORAES, R. A Análise de Conteúdo: possibilidades e limites. In: ENGERS, M. E. A. (Org.). **Paradigmas e metodologias de pesquisa em ação**: notas para reflexão. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1994. p. 103-111.

OLIVEIRA, D. C. Análise de Conteúdo Temático Categorical: Uma proposta de sistematização. **Rev. Enferm. UERJ**, RJ, v.16, n.4, p. 569-576,. out/ dez, 2008.

PAULILO, M. A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**, Londrina, PR, v.2, n. 2, p. 135-148, jul/dez, 1999.

SOUZA JÚNIOR, M. B. M.; MELO, M. S. T.; SANTIAGO, M. E. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, RS, v. 16, n. 03, p. 31-49, jul/set, 2010.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo, SP: Atlas, 1999.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, SP: Atlas, 1987.